



ESPECIAL LITERÁRIO

TONI MORRISON: UMA ESTRELA QUE SE APAGA

Toni Morrison faleceu na noite de 5 agosto, aos 88 anos, na cidade de Nova York. Primeira negra a vencer o Prêmio Nobel de Literatura, em 1993, a escritora deu “vida a aspectos essenciais da realidade americana”. Reconhecida internacionalmente por sua carreira, a professora nascida em Ohio também foi premiada com doutorados *honoris causa* e outras distinções. Uma das mais importantes foi recebida, em 2012, das mãos do Presidente Barack Obama: a Medalha da Liberdade. Para Obama, “a prosa de Toni Morrison nos apresenta um tipo de intensidade moral e emocional que poucos autores sequer tentam alcançar”. Neta de antigos escravos, trazia junto consigo a memória viva de suas origens e de suas raízes. Nascida em 18 de fevereiro de 1931, em Lorain, Morrison conservou, ao longo da vida, a mesma silhueta imponente e expressão altiva. Sua infância se passou no subúrbio dessa pequena cidade siderúrgica, próxima de Cleveland. Chamava-se Chloe Wofford, até adotar Anthony como nome de batismo no catolicismo, influenciada, sobretudo, por seu avô, um fervoroso leitor da Bíblia. Bolsista, Toni concluiu estudos brilhantes, defendendo uma tese sobre o tema do suicídio em Faulkner e em Virgínia Woolf, e iniciou sua carreira como professora. Em 1958, casou-se com o arquiteto Harold Morrison, com quem teve dois filhos e de quem se divorciou apenas seis anos depois. Questionada, frequentemente, por que teria começado a publicar tardiamente, Morrison costumava responder: “fui casada com um arquiteto, eu tinha dois filhos. Vocês conhecem muitos escritores que têm dois filhos?”. Em 2006, em entrevista concedida durante a 4ª Flip, Morrison contou que “tinha que escrever antes de as crianças acordarem, bem cedo de manhã. Mesmo depois de elas crescerem, continuo escrevendo bem cedo, a partir das 4 horas da madrugada, momento em que considero estar mais inteligente!”.

Na década de 60, Toni Morrison começou a dar aulas de inglês na Universidade do Estado de Nova York e a trabalhar como editora na *Random House*, onde publicou uma antologia de escritores negros, *The Black Book*, em



1973. A sua carreira literária iniciou com o primeiro de seus 11 romances, em 1970, *O olho mais azul*, obra que afirma ter escrito porque *o livro que queria ler ainda não existia*. A obra conta a história de Pecola Breedlove, uma menina negra, embalada pela imagem da atriz-mirim Shirley Temple e que sonhava ter olhos azuis. Em entrevista concedida ao *Le Monde*, em 2004, a escritora revelou: “eu tinha 32 anos, o silêncio das mulheres negras me parecia ensurdecedor, dentro da comunidade intelectual e militante negra”.

Mais tarde, a escritora recebeu o prêmio da crítica norte-americana por *A canção de Solomon* (1977). Morrison já era célebre nos Estados Unidos, quando lançou *Beloved* (Amada), em 1987, agraciado com o Prêmio Pulitzer. Em 2006, a obra de ficção foi eleita pelo *The New York Times* a mais importante dos últimos 25 anos nos Estados Unidos e, em 1998, recebeu adaptação cinematográfica, estrelando Oprah Winfrey. A história trágica de Sethe, obcecada pelo destino de sua filha, que ela matou para que escapasse da sua condição de escrava, foi inspirada por um artigo de jornal que retratava fato semelhante, ocorrido em 1855, no Kentucky, com a escrava Margaret Garner. Em entrevista concedida ao Globo, em 2007, a escritora considerou que a obra “fala de uma ética da liberdade e pergunta se vale a pena viver numa sociedade violentamente repressiva e discriminatória”.

Entre os anos de 1989 e 2006, Morrison ensinou Literatura na Universidade de Princeton, que, durante muito tempo, foi interdita aos negros. Em 1992, publicou o ensaio *Playing in the Dark*, a partir de suas conferências em Harvard, em que denunciou o *embranquecimento* da Literatura norte-americana: “eu falo da construção da ‘brancura’ na Literatura. Como a literatura se tornou ‘nacional’, como Melville ou Twain tinham a idéia do Branco que eles eram ao imaginarem o Negro: sua linguagem, estranha, diferente, quase estrangeira; a forma de associar os Negros a certos traços:



a violência, a sexualidade, a cólera ou, se for um bom Negro, o servilismo, o amor. Isso que nada tem a ver com a realidade, mas que é a forma com quem os Brancos imaginam os Negros. Por exemplo, eu estudei Benito Cereno, de Melville, onde o Branco não pode imaginar que o Negro possa fazer qualquer coisa de inteligente. Em Hemingway, Saul Bellow, Flannery O'Connor, Willa Cather, Carson McCullers, Faulkner... eles contemplam corpos negros para refletir sobre si mesmos, sobre sua própria moralidade, sua própria violência, sua própria capacidade de amar, de ter medo, etc.". Em outra oportunidade, comentou "estarei eu autorizada a, enfim, escrever sobre os Negros sem precisar dizer que eles são negros, assim como os Brancos escrevem sobre os Brancos?".

Toni Morrison fez da denúncia ao racismo uma de suas principais bandeiras, por vezes de forma sutil, outras vezes de forma explícita e contundente. Em 2015, por ocasião das revoltas desencadeadas pela população negra contra a polícia norte-americana, afirmou ao *The Telegraph*: "eu quero ver um policial atirar em um adolescente branco e sem defesa. Eu quero ver um homem branco ser encarcerado por ter estuprado uma mulher negra. Somente então, se você me perguntar *se as distinções raciais terminaram?*, eu responderei que sim". Para ela, Brasil e Estados Unidos compartilham dessa herança escravocrata em comum, ainda que a cultura africana tenha tomado caminhos distintos nos dois países. Em 1998, quando o Presidente Bill Clinton era ameaçado de *impeachment*, chegou a qualificá-lo "primeiro presidente negro dos Estados Unidos", em razão de sua criação monoparental, de suas origens modestas, de sua infância na classe trabalhadora, de seu grande conhecimento do saxofone e de sua paixão pela *junk food*, digna, a seu ver, de um garoto do Arkansas. Essas circunstâncias, na sua percepção, aproximavam-no, mais do que qualquer outro Presidente que os Estados Unidos tivessem tido à época, dos cidadãos negros do país. Após testemunhar a ascensão do primeiro Presidente negro à Presidência dos Estados-

Unidos, Barack Obama, Morrison, aos 86 anos, precisou remobilizar forças para se opor ao governo de Donald Trump, cuja eleição se fez acompanhar do ressurgimento de um *racismo desinibido* (como bem lembra o *Le Monde*) e a quem julgava inculto e perigoso. A escritora confessou, em entrevista concedida em 2018 na França, que não desejava morrer antes do término

do seu mandato: "se vocês estão dizendo que eu irei morrer com ele no poder, não, eu vou sobreviver a isso!".

Vida e obra de Toni Morrison foram embaladas pelo desejo de ver florescer uma "harmonia racial na América", "com igualdade de oportunidades no acesso à cultura e ao bem-estar econômico". Uma esperança que, conforme a própria escritora confessou, era transmitida para suas personagens. E que, seguramente, seguirá sendo transmitida e perpetuada através de suas palavras. É como se o seu discurso por ocasião do Nobel houvesse profetizado: "Nós morremos. Esse pode ser o significado da vida. Mas nós fazemos linguagem. Essa pode ser a medida de nossas vidas".

Dieter Axt*

* Mestre em Direito Público na Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). Bacharel em Direito pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Roteirista do Programa de TV Direito & Literatura (TV Justiça). Membro da Rede Brasileira Direito e Literatura (RDL). Assistente Editorial da *Anamorphosis - Revista Internacional de Direito e Literatura*. Escritor e editor da Editora *Le Chien*. Email: dieter@rdl.org.br.

REFERÊNCIAS

O presente artigo é uma adaptação traduzida da matéria intitulada *Toni Morrison: écrivaine américaine, Prix Nobel de littérature*, veiculada no jornal *Le Monde*, de 8 de agosto de 2019, p. 23. Cita, de igual forma, entrevistas publicadas pelo *O Globo* em 9 de outubro de 1993, realizada pelo jornalista Luciano Trigo em 1990, e em setembro de 2007, conduzida pela repórter Marília Martins, bem como entrevista concedida pela autora à 4ª Festa Literária Internacional de Paraty (Flip) em 2006.

NOTÍCIAS EM DESTAQUE

VIII CIDIL OCORRE EM OUTUBRO, EM VITÓRIA (ES)

O evento mais aguardado do ano está chegando. Nos dias 23 e 26 de outubro, a Faculdade de Direito de Vitória (FDV) receberá o VIII Colóquio Internacional de Direito e Literatura (CIDIL). O tema desta edição será *Tecnologias e novas formas de comunicação: entre distopias e narrativas contemporâneas*.

Neste ano, comemora-se o 70º aniversário da obra 1984, de George Orwell, um dos escritores mais influentes do século XX, que expôs, de forma contundente, o potencial do monitoramento e da vigilância pública. A partir dessas contribuições e também de outras obras distópicas de diferentes autores e nacionalidades, o CIDIL pretende discutir uma das questões mais importantes do Direito contemporâneo: a forma como o Estado e as



instituições vêm lidando com o surgimento de novas tecnologias. São questões que tocam a proteção de dados no mundo virtual, atravessando a garantia dos direitos individuais, como a liberdade de expressão e o direito à intimidade, para abordar também as repercussões sociais e as políticas de exposição e de comunicação em rede, matérias que afetam a democracia e as relações interpessoais.

O CIDIL é, atualmente, o mais importante evento em Direito e Literatura da América Latina, tendo como objetivo a promoção e difusão dos estudos sobre Direito e Literatura desenvolvidos no Brasil e no exterior. O evento destaca-se por: estimular a cooperação internacional, uma vez que envolve diversas instituições nacionais e estrangeiras; proporcionar o diálogo entre pesquisadores de diferentes nacionalidades e dos mais diversos níveis acadêmicos; favorecer a produção de um conhecimento inovador e interdisciplinar.

Em sua oitava edição, o CIDIL reunirá pesquisadores, docentes, estudantes de graduação e de pós-graduação, profissionais, professores da rede pública e demais interessados, abarcando as áreas do direito, letras, artes, filosofia, história, sociologia, psicologia e demais campos das ciências humanas. A realização é resultado de parceria entre a Rede Brasileira Direito e Literatura (RDL) e os Programas de Pós-Graduação em Direito da FDV, UniFG e UFMG, e conta com o apoio de dezenas de instituições nacionais e estrangeiras.

A edição anterior do CIDIL foi realizada em Belo Horizonte, de 30 de outubro a 2 de novembro de 2018, para debater o tema *Narrativas e desafios de uma Constituição balzaquiana*. Foram submetidos 141 trabalhos, por 205 pesquisadores de 69 IES, localizadas em 19 UFs (RS, SC, PR, SP, RJ, ES, MG, BA, PE, SE, PB, PI, MA, DF, GO, MT, AM, AP, RO). Abrangendo os diferentes níveis do ensino superior, os pesquisadores dividiram-se em 72 graduandos, 8 graduados, 8 especialistas, 50 mestrados, 23 mestres, 13 doutorandos e 31 doutores. Foram aprovados 103 trabalhos para serem apresentados. Os artigos completos serão publicados nos *Anais do VII Colóquio Internacional de Direito e Literatura*, cujo processo de editoração está sendo finalizado.



O evento é válido como 30H/A de atividade complementar e as inscrições para participar seguem abertas até o dia 20 de outubro, nos valores de R\$ 200,00, para estudante de graduação, e de R\$ 300,00, para demais participantes. Vale lembrar que os membros associados da RDL possuem 50% de desconto sobre esses valores. Inscreva-se no site: <http://rdl.org.br/cidil/inscricoes/>

SENESCÊNCIA, LITERATURA, TEATRO, POESIA MUSICAL, GÊNERO E EDUCAÇÃO SUPERIOR: PUBLICADO O NOVO VOLUME DA REVISTA INTERFACES BRASIL/CANADÁ

Editada ininterruptamente desde 2001 e com versão on-line desde 2007, a publicação da *Revista Interfaces Brasil/Canadá* tem sido viabilizada por meio de uma parceria com o Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), com o Centro de Artes da Universidade Estadual de Santa Catarina (UDESC) e com o Núcleo de Estudos das Diversidades, Intolerâncias e Conflitos, da Universidade de São Paulo (USP).

Atualmente, o editor-chefe da revista é Gunter Axt, que também é membro da RDL. A publicação foi avaliada pela área madrinha, Letras, com Qualis A 1 até 2012, sendo a partir de 2013 classificada como Qualis A 2. Em 2017 e 2018, a *Interfaces* publicou seis fascículos, um a cada quadrimestre, totalizando, além de 16 resenhas e 7 entrevistas, 46 artigos inéditos, escritos por 26 autores estrangeiros (sobretudo canadenses, estado-unidenses e franceses) e 34 brasileiros. Portanto, quase 45% das contribuições para artigos científicos inéditos partiram de autores estrangeiros. O número que se apresenta aos leitores não foi dedicado a um dossiê específico e veicula textos diversos submetidos às seções de fluxo contínuo.

Na seção Estudos Literários e Culturais, Gunter Axt discute a representação da velhice na história e na literatura, comentando textos de diferentes autores, como Simone de Beauvoir, Gilberto Freyre, Edgar Morin, Samuel Beckett, Nancy Huston e J.M Coetzee.

Margarete Axt, tratando também do tema da senescência, propõe-se a problematizar a operação que separa o diferente e aglutina o idêntico, confinando-os em espaços exclusivos (escolas, asilos) sem comunicação entre si: uma problematização que nos conduz a modos de pensar o contemporâneo, em sua face mais complexa, convocandonos a provocar a multiplicidade, a heterogeneidade, a diferença... e a perguntar - no que tange ao envelhecimento, em meio a um socius que cultua a juventude e os seus valores - como ir ao encontro de uma cosmovisão que inclua o idoso, como ir ao encontro de uma estética da maturidade? Considerando autores como H. Bergson, M. Bakhtin, S. Beauvoir e S. Pinker, dentre outros, produz reflexão centrada nas condições de produção dos processos criativos-inventivos.

Alvany Rodrigues Noronha Guanaes, igualmente operando com a temática da velhice, expõe diversas abordagens narrativas do mito da *grandmother*, trazendo exemplos de autoras indígenas dos Estados Unidos e do Canadá que constroem sua identidade e subjetividade no fluxo do debate contemporâneo entre as visões ocidentais e não ocidentais. O objetivo é demonstrar como as autoras escolhidas presentificam o mito da *grandmother* suturando o passado mítico de suas nações ao presente de suas experiências nas narrativas.

Em seguida, Hugh Hazelton, se debruça sobre a difusão do teatro canadense na América Latina, um sucesso que atribui em grande medida a programas de intercâmbio entre companhias de teatro no México, na Argentina e em outros países, como o Canadá. Dramaturgos do Canadá Inglês, tão variados quanto Judith Thompson, Steve Galluccio e Michael Mackenzie, têm sido traduzidos para o espanhol, bem como uma pletera de dramaturgos quebequenses, de Michel Tremblay e Évelyne de la Chenelière a Chantal Bilodeau e Suzanne Lebeau.

Albert Braz fecha a seção com um artigo sobre Bruce Cockburn, um dos mais destacados cantores e compositores do Canadá, conhecido como “o cantor cristão”, mas que, em grande parte em resposta às brutais guerras dos anos 1980 na América Central, gradualmente supôs que uma arte viva não poderia evitar a política. O ensaio comenta numerosas canções que Cockburn compôs sobre tais conflitos, que se tornaram testamentos de seu desejo de documentar o sofrimento de multidões.

Na seção de resenhas e entrevistas, Gunter Axt entrevista a renomada crítica cultural Camille Paglia, sobre a complexa relação entre ensino superior, gênero e liberdade de expressão, nas universidades norte-americanas. A entrevista comenta recente episódio envolvendo Paglia na Universidade das Artes da Filadélfia em que um grupo de alunos e manifestantes interrompeu uma palestra sua, acusando-a, estranhamente, de “transfobia”.

Finalmente, Raphael Marco Oliveira Carneiro resenha o romance Hag-Seed, de Margaret Atwood, recentemente traduzido para o Português e publicado no Brasil.

Link para acesso: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/interfaces/issue/view/900>.

CONGRESSO BRASILEIRO CIÊNCIA E SOCIEDADE

No dia 4 de outubro, às 19h30, o Prof. Dr. André Karam Trindade, membro da RDL, ministrou a conferência *Direito e Literatura: Censura, Democracia e Direitos Humanos*, no Congresso Brasileiro Ciência e Sociedade, que teve lugar entre os dias 3 e 5 de outubro, no Centro Universitário Santo Agostinho, em Teresina, Piauí (BR).

Entre os principais desafios do Congresso estiveram as tarefas de aproximar a sociedade das práticas científicas

contemporâneas, bem como de cooperar para a divulgação científica. O evento tinha a estimativa de 700 participantes, e contou com carga horária de 30 horas. As atividades foram desenvolvidas por meio de conferência magna, palestras, mesas redondas e grupos temáticos (apresentação de trabalhos), com a participação de pesquisadores, professores e estudantes de graduação e pós-graduação.

A ênfase do congresso foi a busca do diálogo e da interação entre sociedade e setores significativos da Ciência, discutindo não apenas pesquisas realizadas, mas perspectivas e alternativas de contribuição acadêmica para o bem-estar social em conjunturas diversas. Nesse sentido, objetivou-se possibilitar ao participante uma visão real de iniciativas científicas empreendidas nas mais distintas áreas com vistas ao atendimento das demandas sociais, em especial, no que tange à inovação, à diversidade e à sustentabilidade, tanto em âmbito nacional como internacional.

NOVIDADES EDITORIAIS

GONZÁLEZ, José Calvo (ed.). *La Cultura literaria del Derecho: Alianzas transatlánticas*. Granada: Editorial Comares, 2019.



Alcançar a encruzilhada colaborativa de uma reflexão entre Direito e Literatura representa uma oferta cientificamente inovadora, intelectualmente erudita e pedagogicamente excelente. A Literatura é para o Direito uma oportunidade intelectual crítica, reflexiva e educativa que o Direito, sem a Literatura, não oferece.

Orientado na estratégia de produção de conhecimento e sua transferência, o 1º Simpósio Internacional *La Cultura Literaria del Derecho* entrega aos leitores destas atas, dentre inúmeras outras possibilidades e perspectivas, o corolário de inovadoras propostas metodológicas para o ensino do Direito, desenhos sugestivos da Teoria Crítica do Direito, enfoques *jusliterários* desde a perspectiva dos estudos de gênero, da formulação de experiências cidadãs em História, Memória e Poder, deliberação sobre as estruturas jurídico-literárias e suas convenções formais, estudo dos antecedentes da juridicidade romanesca na novela latino-americana, dentre outros.

O 1º Simpósio Internacional *La Cultura Literaria del Derecho* foi um importante evento para reforçar vínculos científicos e culturais entre o continente europeu e americano, situando a Universidad de Málaga e a sua Facultad de Derecho, mormente a sua Cátedra Abierta de Derecho

y Literatura, como expoentes europeus e transatlânticos do movimento Direito e Literatura.

NICOLAS, Emeric; GUITTARD, Jacqueline (Eds.). *Barthes face à la norme: Droit, pouvoir, autorité, langage(s)*. Paris: Mare & Martin, 2019.



Roland Barthes par Roland Barthes.

Être gaucher, cela veut dire quoi? On mange au rebours de la place assignée aux couverts; on retrouve la poignée de téléphone à l'envers, lorsqu'un droitier s'en est servi avant vous; les ciseaux ne sont pas faits pour votre pouce. En classe, autrefois, il fallait lutter pour être comme les autres, il fallait normaliser son corps, faire à la petite société du lycée l'oblation de sa bonne main (je dessinais, par contrainte, de la main droite, mais je passais la couleur de la main gauche: revanche de la pulsion); une exclusion modeste, peu conséquente, tolérée socialement, marquait la vie adolescente d'un pli ténu et persistant: on s'accommodait et on continuait.

AGENDA

V Encuentro Internacional "Ficción y Derecho"

Data: 27 de julho.

Local: Facultad de Derecho, UBA (ARG).

1ª Reunião Acadêmica do GEPDC

Data: 26 de agosto.

Local: Universidade de Fortaleza – UNIFOR.

Expositor: Prof. Dr. André Karam Trindade.

Literatura como acción política

Data: 10 de setembro.

Local: Facultad de Derecho, Universidad de Chile, Santiago (CHI).

Reflexiones sobre lo justo desde la estética del cine

Data: 24 de setembro.

Local: Sala Beethoven del Palacio de Bellas Artes, Medellín (COL).

Palestrante: Martín Agudelo Ramírez.

2do Simposio Internacional

Data: 18 a 19 de outubro.

Local: Sala Isabel Oyarzábal, Plaza de la Marina, edificio Diputación de Málaga (ESP).

Tema: La cultura literaria del derecho: escritura, derecho, memoria.

VIII CIDIL

Data: 23 a 26 de outubro.

Local: Faculdade de Direito de Vitória – FDV (BR).

Inscrições: <http://rdl.org.br/cidil/inscricoes/>.

V Interescuelas de Filosofía del Derecho

Data: 30 de outubro a 1º de novembro.

Local: Facultad de Derecho (UBA).

Inscrições: interescuelas@derecho.uba.ar

Colóquio Direito e Arte

Data: 1º de novembro.

Local: C. U. Belas Artes, Vila Mariana, São Paulo (BRA).

Tema: O mercado de Artes responsável.

II Jornadas de Derecho y Literatura

Data: 19 a 21 de novembro.

Local: Universidad de Chile y Universidad Diego Portales.

II Encontro Interinstitucional dos grupos de pesquisa em Direito e Literatura da Bahia

Data: dezembro

Local: UNIFG

PUBLICAÇÕES ACADÊMICAS

AXT, Gunter. Identidades encanecidas entre Simone de Beauvoir, Gilberto Freyre, Edgar Morin, Samuel Beckett, Nancy Huston e J.M Coetzee. *Interfaces Brasil/Canadá*, Florianópolis/Pelotas/São Paulo, v. 19, n. 2, 2019, p. 8-14. Disponível em <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/interfaces/article/view/16570>



O programa Direito & Literatura, apresentado por Lenio Luiz Streck e produzido pela Rede Brasileira Direito e Literatura (RDL), em parceria com a TV UNISINOS, vai ao ar, toda semana, pela TV Justiça, nas quartas-feiras, às 21h30min, com reprise às segundas-feiras, às 21h30min. Se você não puder assistir, acompanhe pelo canal da TV e Rádio UNISINOS no Youtube: <https://www.youtube.com/user/tvradiounisinos>
<https://www.facebook.com/direitoeliteratura>